

A Bizarra Regurgitação da Sardinha Neosurrealista

Claudio Miklos ¹

Nada mais antinatural do que insistir em caminhar por uma senda já percorrida. O tempo e o espaço jamais são os mesmos, e as posturas precisam renovar-se diante do mundo. Apesar de toda a sua influência, todo o seu pretenso impacto em corações e mentes no início e meados do século XX, o Surrealismo está morto. Está morto o surrealismo, mas não enterrado. Na verdade, ele é um cadáver ainda presente, mumificado e reconstituído por muitos artistas atuais. Ele ainda se manifesta, como um espectro marginal e maldito (e quando deixou de ser assim, mesmo em seus momentos mais intensos?), conjurado por artistas saudosos da imagética alucinógena dos sonhos revolucionários de Breton e seus companheiros.

Mas apesar de ser ainda hoje realizado por muitos, o Surrealismo não mais se sustenta, simplesmente porque a própria Revolução Surrealista exigia que, em tempo, ela mesma se transmutasse – a revolução dentro da Revolução. Não, o surrealismo não é mais pertinente. Mesmo que os seus realizadores atuais não percebam, o surrealismo deixou para trás o seu momento – sua modernidade – e agora tornou-se uma arte que procura tolamente repetir símbolos, imitar sonhos e falsificar alucinações.

Reconhecendo isso através de meu trabalho em arte ao longo de 24 anos, tenho desde então me empenhado em realizar uma espécie de anunciação do novo surrealismo: estes são os tempos do Neosurrealismo. O Neosurrealismo é, neste momento, apenas uma insipiência, uma miragem, quase uma heresia ridícula, pois atualmente poucos ousam inaugurar publicamente movimentos (eles continuam acontecendo, mas sua anunciação formal é considerada ofensiva aos atos puros de arte contemporânea, quase uma deselegância modernista), e muito menos assumir em suas obras sua manifestação.

Forjado no início do século XXI, o Neosurrealismo inaugura uma tentativa de recolocar o contexto metalinguístico surreal em uma nova perspectiva. Mas a tentativa neosurreal é apenas isto: um movimento insipiente, ainda não legitimado, onde o conceito surreal se redefine através de uma postura diversa daquela romântica e ousada (para muitos detestável e arrogante) revolução político-poética-psicológica ocorrida em 1924. No Brasil, até onde sei, sou o seu único representante.

Assim, a maturação de meu trabalho neosurreal me levou, em 2007, a criar um manifesto onde finalmente é possível discernir sua face dentro a ótica de um artista brasileiro, e sob quais contextos ele se realiza. Este texto é uma irreverência de minha parte, ao mesmo tempo que um protesto contra a impossibilidade contemporânea de se realizar manifestos ou inaugurar movimentos. E agora, ele se faz público em meio à Revolução de Informação que estamos vivendo, e nada mais

pertinente para o neosurrealismo do que se fazer presente em meio ao fluxo tecno-virtual no novo século.

Mas quem é Neosurrealista? Onde estão os seus praticantes? Não posso dizer. O Neosurrealismo é solitário, marginal até mesmo na marginalidade da arte figurativa, fantástica e simbólica atual, e tem sido praticado por poucos até agora. Mas ainda assim, ele continua a revelar-se sutilmente. Cabe aos mais sensíveis perceber a sua pertinência – quanto aos incapazes de se identificar com ele, cabe despreza-lo como um vazio pretensioso.

Há uma revolução necessária ocorrendo nas entranhas do surrealismo morto. E esta revolução é aqui finalmente apresentada.

O MANIFESTO NEOSURREALISTA

Claudio Miklos – 24, Junho 2007

Ainda que a Arte – nestas longas décadas de soberania pós-moderna e contemporânea – já não mais sustente a inexorável e eterna luta do Homem por superar a si mesmo da mesma forma que antes, e esteja dilacerando a alma mística da humanidade em favor de uma espécie de “Ser Descrente” – forjado na presunção de que nada mais há para ser desejado, acreditado ou imaginado além da realidade direta e anoréxica deste mundo banal –, recrudescendo cada vez mais em seu âmago uma feroz idolatria à condição limítrofe de viver e louvar nada além de uma idéia abstracionista de Homem através de suas apropriações e movimentos performáticos, afirmo que existe apesar de tudo uma outra transcendência dormitando na periferia do mundo artístico deste novo século. Uma transcendência travestida de antiga, uma reformulação de algo já visto. Um fulcro de criação, pleno em possibilidades, mas estéril de perspectivas – pois de sua condição marginal somente resultam as obras em si, derivadas dos indivíduos que as ousam criar, e nada mais. Não há apenas uma narrativa de estilo, mas igualmente uma outra narrativa histórica (sim, não renego o tempo aliado à criação) do sujeito-que-faz-arte - o artista e ninguém mais.

Faço aqui o manifesto, a anunciação, de uma linguagem metaperceptiva, uma proposta de sonhos concretizada em meios múltiplos. O Neosurrealismo está vivo.

Este fulcro, esta suposta novidade não o sendo, não está fundamentado em conceitos ou maneiras outros além daqueles preocupados em sustentar o exercício de criação visceral dos sonhos humanos, sob uma proposta transliterada de arte simbólica, sutil e etérea – o neosurrealismo se presta a interpretar e revelar aquilo que o surrealismo apenas manifestava em sua gestáltica automação; o exercício neosurreal é necessariamente interpessoal, e promove finalmente a refusão da reflexão e dos sonhos humanos. Mas estes sonhos não mais se forjam em delírios vagos, em uma mecânica vomição surreal de fantasias insanas, ou em experimentações deletérias de contemporaneidade duvidosa.

Este movimento não se pretende contemporâneo – não o seria nem mesmo se desejasse, pois sua própria e chocante natureza figurativa e perceptual o faz naturalmente repulsivo aos meios pós-modernos, expulso e execrado pelas experimentações atuais, seja o movimento pertinente ou não no contexto da contemporaneidade artística.

Este movimento não pode mais se pretender moderno, pois a modernidade perdeu-se em meio a um vago sentimento de inadequação, execrada e diminuída pelos arautos da Morte da Arte.

A quem se prende esta realidade artística, em qual momento ela poderá ser reconhecida, respeitada e enfim exposta em sua pertinência? O Neosurreal se prende unicamente ao indivíduo, ao artífice desta arte, o qual pretende superar (novamente) o meramente real.

Nenhum artista do neosurreal será reconhecido como tal se vier a recusar promover em sua obra uma transcendência perceptiva pertinente e relevante, aliada ao conteúdo visual provocador, inovador e incoerente das não-formas – aquelas formas que, de tão caóticas, esteticamente vivas e abstrusas, tornam-se sua própria antítese.

O Neosurrealismo é seguramente pluralista e transdimensional, aceita e usa o virtual assim como o concreto, e essencialmente busca vivenciar o perceptivo superando as formas literais. Faz do fantástico e do imaginário um meio de linguagem através do qual as reflexões do indivíduo se sobrepõem à arte manifestada. Os universos neosurrealistas retratam outros modos de realização, e somente podem ser definidos a partir de sua profundidade intencional.

Os Três Pilares do Neosurrealismo

1. Não se fala em mistificações quando o neosurrealismo se manifesta; em sua natureza, o neosurrealismo não promove a representação de imagens ingenuamente místicas. Sua proposta é justamente diversa à gratuidade técnica e interpretativa das artes fantasistas, esotéricas; sua mística é outra qualquer que provoque a reflexão sobre o Ser além de si mesmo, e sobre as formas, regurgitadas em um novo jorro de arte criativo e intencionalmente alucinógeno.

2. O Neosurrealismo jamais representará um reles surrealismo repetido; não será uma imitação surreal. Toda a intenção do Neosurrealismo direciona-se para uma psico-simbologia dinâmica e completamente atual, uma representação sólida de propostas humanistas, exclusivamente voltada a uma reinterpretação semiológica derivada de signos transpostos, amadurecido no exercício da contemplação perceptiva e do onirismo conceitual: o Neosurrealismo depende visceralmente do insight, da descoberta e do amadurecimento interno de seu realizador.

3. O neosurrealismo reafirma-se uma linguagem passível de exploração filosófica e psicológica variada. Não será uma manifestação xenofóbica, toalmente crítica a outras formas de representação artística, mas ainda assim guardará em si o ímpeto de sustentar a exploração da percepção sutil aliada ao pleno exercício da imaginação, do sonho, das visões supra-reais, livres de proposições que diminuam a sua força como movimento relevante ao cenário de arte da humanidade.

As Três Linguagens do Neosurrealismo

1. O Neosurrealismo fala através de um onirismo visceral e inconstante, eternamente mutável, contudo, imanente ao artista que realiza a neosurrealidade em sua obra. A primeira linguagem neosurreal representa corajosamente o espírito do Homem, não o nega, ao contrário o amplifica e dignifica, sem receio de fazê-lo em

uma época dessacralizada e resistente ao que é belo e figurativo. Faz-se no ato neosurrealista também o suave e o sutil, embora não se restrinja a isso.

2. A segunda linguagem neosurreal é aquela da mistura, do símbolo exposto por vários modos e sem restrições à moldagem e reinterpretação dos seus significados – na verdade, um verdadeiro metasímbolo, transcendente aos seus significados usuais. É a linguagem do incômodo, da experimentação visual, dos paradoxos e signos justapostos. Uma argumentação voltada para levar a percepção humana aos seus mais profundos universos. A Figura, a Forma, o Corpo – junto aos seus vários simbolismos, suas bizarras interpretações – não são negados, mas ao contrário utilizados em seus mais plenos aspectos.

3. Toda ação que explore o sensório, a organicidade da matéria e dos conceitos, faz parte da terceira linguagem neosurreal. É a linguagem da integratividade, da exploração psicológica das filosofias, das religiões, dos signos e das imagens. A terceira linguagem neosurreal extrapola o tempo, espaço e a concretude. Não se apropria dos objetos cotidianos, não realiza manifestações herméticas e coloquiais; o neosurreal, através de sua terceira linguagem, objetiva justamente refazer o mundo. É ficcional, alheia à mundanidade comum; é alienígena, estranha à realidade imediata.

Aquilo que sustenta a manifestação neosurrealista vem a ser o ímpeto de criação puro e simples, sem mais formalismos além de sua própria pretensão em realizar a arte do fantástico, da metasimbologia além do real. Mas quais são os signos neosurreais? Pois tais elementos fundamentais, estas células formadoras da própria expressão da verdadeira arte neosurreal, existem e neste manifesto devem ser apresentados. São sete os signos fundamentais do neosurrealismo:

1. O Ser – Cabe ao neosurreal apresentar em toda sua plenitude supra-real o Ser – seu corpo ou não-corpo, seu sexo ou não-sexo, sua forma ou não-forma, sob as regras da transcendência. Uma obra neosurreal preocupa-se em representar o homem, a mulher, e os seres e idéias a partir de seus gestos absurdos, seus ódios e paixões, sua insaciável ânsia pelo inefável. A superação dos limites humanos também é a meta neosurreal. A exposição do Ser em todas as suas variações possíveis e impossíveis, seja definido pelas coisas, seja pelos seres reconhecíveis em sua concretude, sua inefabilidade ou em sua bizarra supra-humanidade;

2. O Tempo – O tecido do tempo deve ser exposto na obra neosurreal, seja sob o prisma dos tempos finitos e concretos ou através de espaços de tempos outros – estranhos e intercambiáveis –, ou então através da demonstração visual do caráter persistente da memória passada, presente ou futura. O Tempo rege a narrativa neosurreal, e não será negado; o neosurrealismo recusa-se a ver a Arte como um cadáver perdido no tempo, e através de suas obras, exclama: A Arte está viva, e o seu tempo é eterno!

3. O Sonho – A fantasia, o mito, a farsa exótica das aparências e narrativas. Eis os focos neosurreais no que tange ao aspecto onírico da existência. A arte torna-se expressão intensa, forte, inexorável, dos mundos e meta-mundos. Não há timidez no neosurrealista ao revelar as cenas incoerentes da psique humana; não há limites, exceto aqueles ditados pela mística neosurreal, para a criação de narrativas fantásticas, sejam fundamentadas em conceitos políticos, históricos, perceptivos, religiosos, sociais, psicológicos;

4. O Caos-paradoxo – Não existe neosurrealismo sem o paradoxo, o caos - aparente ou efetivo – , as transgressões da imagem, o absurdo das narrativas impossíveis. O

processo narrativo da arte no novo século (apesar da grita sobre sua aparente extinção) segue inexoravelmente, e exige que cada manifestação exerça ao máximo as suas potencialidades no contexto íntimo do artista, de modo a permitir ao Homem manter-se renovado em seu exercício de criar-se constantemente através da arte. Portanto, o neosurrealismo assume sua narrativa sobre o absurdo, sua denúncia à futilidade, seu elogio ao paradoxo, sua submissão à relatividade das coisas – e à sua intercambialidade;

5. O Vazio – Há um tremendo distanciamento – um vazio de espaço e tempo – na obra neosurreal; ele não se dá pela ausência de imagens, mas pelo uso de espaços e tempos amplos e impossíveis – universais, dicotômicos ou transmutados pela cor, tom, movimento, meios e medidas de construção artística. O não-ser faz parte da vivência neosurreal, aquele momento em que os objetos se transformam em suas próprias mutações, deixando de ser aquilo que eram, mas ao mesmo tempo reafirmando-se como outro ser, outro algo. Através do Vazio, a arte neosurreal mostra-se preenchida de significados ocultos, codificados nas formas distorcidas pelo Tempo, pelo Sonho, pelo Caos;

6. A Angústia – Em meio aos mundos fantásticos e aos temas orgânicos, fluidos, do universo neosurreal, existe um anseio pelo resgate daquilo que nos falta, a liberação de uma humanidade presa na mediocridade e na concretude cartesiana e pedante. Há uma angústia no processo neosurreal, um anseio pela leveza, um trabalho direcionado a resgatar uma parte importante do Ser. Esta angústia não restringe a criação neosurreal, não a faz mórbida ou derrotada; ao contrário, é justamente através deste enlevo, deste melancólico anseio por algo indefinível, que a obra neosurreal regata o mais maravilhoso universo humano, sua capacidade de sonhar, sua admiração ao que é transcendente, irreal, incomum;

7. O Despertar – A meta última do movimento neosurreal é o despertar das ilusões. Não há margem para que o artista neosurreal se perca em suas próprias fantasias; a criação neosurreal pretende recriar mundos fantásticos, distorcer a realidade e anunciar aos homens e mulheres que a realidade é apenas uma descrição; mas além disso, a obra neosurreal precisa possuir em si a força do esclarecimento, o intuito de ensinar uma saída da ignorância, da superficialidade, do discurso fácil de uma arte sem consciência. Quase ingenuamente, o neosurrealismo se envolve de mitos e alimenta-se de símbolos. Resgata do inconsciente da humanidade os seus objetos irrealis, seus pensamentos insanos, seus desejos ocultos – mas não o faz automaticamente, em um jorro ignorante de imagens e ações; antes disso, o neosurreal superou a pretensão surrealista de automação e propõe uma nova atitude de redescoberta dos significados, de reflexão sobre as sabedorias esquecidas e perdidas nos caminhos da mente.

Eis aqui, anunciados para todos os que são capazes de compreender, os conceitos do neosurreal. Neste Manifesto estão revelados os ossos, a carne e a mente da criação fantástica do neosurrealismo, manifestada nas artes dos seus seguidores. Eu conclamo o ajuntamento de todos os artistas, designers e criadores que com ele se identifiquem, para que este manifesto seja divulgado e transmitido ao máximo de sua possibilidade, de forma a permitir que este fulcro criativo seja sustentado e valorizado neste novo século.

Os neosurrealistas sobrevivem às margens do fluxo contemporâneo, marginais, mas não impotentes. Eles sustentam uma nova interpretação surreal, metamorfoseada em um fulcro criativo renovado, pleno de superações, livre das simples imitações

de um surrealismo antigo, incapaz de acompanhar a Revolução Noética que se apresenta na contemporaneidade.

As ferramentas neosurreais são as imagens emplastadas em telas, as formas reinventadas em computador, as cores, tons e movimentos manipulados em pincéis ou palcos, e em todos os meios possíveis – tudo isso realizado sem resistência à representação pictórica. O Neosurrealismo não rejeita o Belo ou o Monstruoso no que diz respeito à realização do artista, não abandona o uso do pincel e da tinta, a manipulação digital e a constante valorização das formas.

A grande alma do Neosurrealismo é a Mente Imaginativa. E a Mente Neosurreal é a mente fluida, sutil, ilimitada, que se manifesta através do fenômeno da criação de arte. Será por essa mente que o neosurrealismo irá despertar no Homem uma nova forma de perceber a si mesmo. Pois este é o objetivo do movimento neosurreal: tornar-se um dos fundamentos do processo de consciência nos caminhos artísticos do século XXI, e o meio pelo qual o espectro da percepção humana poderá ser representado.

A sardinha neosurrealista nada profundamente no oceano da mente, naquele lugar além do comum, onde as idéias e os sonhos inconstantes se tornam os meios pelos quais a força da arte fantástica se manifesta plenamente.

A Arte não está morta; a Arte vive, e renova-se apesar de tudo.

Notas

¹ Artista Plástico Profissional (Arte Neosurrealista, Arte Perceptiva, Arte Expressionista Zen), Webdesigner, Artista Gráfico, Escritor, Músico, Filósofo Orientalista e Professor Zen Budista. Mestra em Ciência da Arte - UFF/RJ. E-mail: <miklos@neosurrealismo.com>

SITE OFICIAL: <http://neosurrealismo.com>